



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A INDISCIPLINA E A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA SOBRE O COMPORTAMENTO DISCENTE

Icaro Arcênio de Alencar Rodrigues

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Câmpus Campina Grande;
kikoicaro@hotmail.com

Resumo: A indisciplina afeta as instituições de ensino e a gestão dela precisa ser compartilhada com a família. Então, esta pesquisa de revisão bibliográfica objetiva investigar como a família interfere no comportamento discente. A literatura aponta que é atribuição da família educar os filhos para que estes possam exercer o dever de respeitar os direitos dos outros, competindo a este grupo a educação ética e crítica, que conduza à maturidade, por meio do exemplo dos pais, assim como o acompanhamento da vida acadêmica dos filhos no ambiente escolar e do uso de mídias que promovam a agressividade. Ainda se destaca que a família representa para os jovens um ponto de referência e que o diálogo é ferramenta basal para que as relações possam ser significativas no seio desta entidade e a qualidade dos relacionamentos conjugais exerce influência sobre o comportamento dos filhos e o uso da autoridade, desde que se haja com justiça e respeito, é necessário para que os adolescentes atuem de modo a não favorecer riscos à saúde. Este trabalho aponta para a possibilidade de investigar de que modo as instituições de ensino envolvem a família como corresponsável na administração do comportamento dos filhos/discentes no ambiente da escola.

Palavras-chave: indisciplina, família, comportamento, discente, adolescente.

1 Introdução

A indisciplina se apresenta como um fato constante no ambiente educacional e investigá-la, em seus diversos aspectos, configura-se como uma necessidade intrínseca para aqueles que compõem o universo educativo. Como contribuição à necessidade de compreender a indisciplina e a relação desta com a família, este trabalho é resultado da fundamentação teórica do Projeto de Pesquisa intitulado *A Indisciplina Escolar e a Influência da Família sobre o Comportamento Discente*, fomentado pelo Programa de Apoio Institucional à Pesquisa – Bolsa de Pesquisador, da Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFPB, de acordo com o parecer CAAE 42129215.9.0000.5185, em 26 de março de 2015.

Alguns estudos exemplificam de que modo a indisciplina interfere na vida acadêmica. De acordo com dados da Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (OECD, 2014a) os docentes no Brasil usam 20% do tempo que dispõe em sala de aula para manter a ordem no ambiente, contra 13% da média dos demais 33 países pesquisados. Esse fato revela que o manejo do comportamento em sala de aula é imprescindível como ferramenta auxiliar no processo ensino-aprendizagem.

Mais especificamente na Rede de Ensino Técnico e Tecnológico, Rodrigues, Marques e Gomes (2012), numa investigação com 68 professores de Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do IFPB – Campus Campina Grande, identificaram que a maioria destes profissionais percebe a interferência da indisciplina no trabalho que executam (97%), tendo como principais consequências a falta de concentração (36%), redução do tempo da aula (27%), desmotivação (28%), além de conflitos entre docentes e estudantes, especificamente agressões verbais (13%) e outros prejuízos (4%).

O comportamento que foge as regras disciplinares também influencia a vida dos próprios discentes. A pesquisa internacional apresentada no Pisa em Foco n. 4 cuja ênfase está na disciplina escolar afirma que o clima comportamental tem relação com o desempenho escolar do estudante (OECD, 2011).

Como o ambiente escolar é o campo no qual ocorre a indisciplina, frequentemente focaliza-se nele e nos atores que o compõem como o professor, o estudante e a própria gestão/administração escolar como os principais responsáveis por ela. Todavia, a (in)disciplina não é responsabilidade exclusiva da escola e do professor, do mesmo modo que não os afeta apenas. Vasconcellos (1997) mostra que a indisciplina tem múltiplas causas, pois

esta pode ser consequência do desinteresse do aluno (originária, por exemplo, da influência da mídia que geralmente é mais atraente que a instituição escolar); da família que não cumpre com o papel de educar para os limites; da escola que não apoia o professor pedagogicamente e da influência da desorganização da sociedade.

Portanto, se a indisciplina é multifatorial, e a família também é corresponsável pela administração do comportamento do estudante, este artigo de revisão bibliográfica tem como objetivo investigar como a família interfere no comportamento dos filhos, de modo a influenciar ou prevenir a indisciplina.

2 Metodologia

Este trabalho se caracteriza, quanto aos objetivos, como uma pesquisa explicativa. A pesquisa explicativa tem como objetivo identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos (GIL, 1999).

A pesquisa bibliográfica também caracteriza esta pesquisa. De acordo com Severino (2007) na pesquisa bibliográfica são utilizados dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e que já estão devidamente registrados. Gil (2002) complementa as informações de Severino (2007) ao afirmar que a pesquisa bibliográfica é construída por meio de livros, periódicos científicos, teses, dissertações, anais de encontros científicos e periódicos de indexação.

A população constituiu-se de acervo literário disponível, assim como de material disponível em meio eletrônico. A amostra foi composta de 26 fontes de pesquisa, sendo 13 livros e 13 outras fontes dentre elas artigos eletrônicos, artigos de revistas, documento jurídico, matéria de jornal impresso e dissertação.

Na pesquisa foi utilizada como instrumento a catalogação de fontes que abordam os seguintes assuntos: indisciplina, família, adolescente, influência e comportamento. Os dados foram digitados e armazenados em computador com Windows 7, utilizando o programa Microsoft Word 2010.

A pesquisa foi realizada entre os meses de dezembro de 2014 e dezembro de 2015. Foram catalogados todos os livros, artigos e trabalhos com referências aos temas propostos. Posteriormente, realizou-se a leitura, análise do material e a confecção de resumos, a fim de estruturar a revisão bibliográfica. Em seguida, a partir da abordagem dos diversos autores, os dados foram analisados e discutidos.

As referências que arranjam este trabalho foram analisadas de acordo com a metodologia para análise de exposições teóricas e segue determinados passos de análise textual: a **delimitação da unidade de leitura** que consiste no estabelecimento de uma seção do texto (capítulos, por exemplo) que forme uma unidade de sentido para que se possa trabalhar sobre ela; a **análise textual** que tem como objetivo propiciar ao leitor uma visão ampliada sobre o raciocínio do autor; a **análise temática** a qual conduz o leitor a encontrar respostas sobre: o assunto, a problematização do assunto e a ideia central defendida pelo autor; a **análise interpretativa** que é a posição própria do leitor sobre as ideias do autor; a **problematização** que visa ao levantamento de problemas para discussão e a **síntese pessoal** (SEVERINO, 2007, grifo nosso).

3 A Indisciplina escolar e a interferência da família sobre o comportamento discente

Partindo da definição apontada por Parrat – Dayan (2009), a indisciplina escolar é compreendida como uma infração ao regulamento interno, uma falta de civilidade e uma agressão às boas maneiras, e principalmente a manifestação de um conflito. Neste caso, parece que a autora tem uma visão centrada na obediência alienada às regras da instituição educativa. No entanto, ela defende a necessidade da gestão da indisciplina para que os estudantes possam se sentir seguros na escola (livres de agressões, ridicularização ou discriminação), assim como para que o próprio aluno também exerça os deveres pertinentes às relações interpessoais com os educadores e na aceitação das sanções que derivem de mau comportamento (PARRAT - DAYAN, 2009).

Ao se tratar da gestão da indisciplina, incumbe que se defina o referido termo. Barceló e Guillot (2013, tradução nossa) conceituam gestão como a organização de recursos para a obtenção de um resultado de modo eficiente e efetivo. Depreende-se desta compreensão que a gestão ou administração da indisciplina não é sinônimo de uso da repressão ou autoritarismo, desconsiderando a autonomia de pensamento e ação dos estudantes, mas um modo de educar os jovens para administrar o próprio comportamento de modo que este contribua de modo eficaz com o processo de ensino-aprendizagem.

Retomando ao tema da gestão da (in)disciplina na escola, Parrat-Dayan (2009) indica que a disciplina deve estar inserida no projeto político pedagógico da escola, com objetivos para além da função de normatizar, mas também com um propósito educacional, de forma que aos discentes seja comunicado o que se espera deles em relação ao desempenho escolar, para que estes, juntamente com a escola, possam assumir suas responsabilidades. A autora sugere

que os problemas de disciplina devem ser resolvidos entre professores e estudantes, no entanto como forma de preveni-los apresenta como possibilidade a atuação de Psicólogos por meio de oficinas nas quais são discutidos casos que ocorreram na escola e também pela participação de todos os componentes da escola na construção das normas escolares (PARRAT-DAYAN, 2009).

No entanto, no ambiente escolar, o que se observa é que, mesmo frente a essa problemática desafiadora da indisciplina, as atitudes de gerenciamento do comportamento dos discentes são muitas vezes questionadas como sendo algo desnecessário, haja vista a emergência de novos parâmetros de relações interpessoais entre professor e aluno, como salienta Zagury (2009) ao refletir que as intervenções dos docentes sobre o comportamento ou os saberes dos discentes são percebidas, pelos estudantes, como formas de ameaça à boa relação entre estes.

Se no espaço escolar ocorrem conflitos sobre qual o papel do professor e da escola na administração da indisciplina, do mesmo modo, na esfera da educação familiar, Zagury (2004) expressa a aflição dos pais em educar os filhos na atualidade, ao informar que existe uma crise de valores que os fazem questionar sobre qual o modelo de educação devem executar, e demonstram receio em utilizar a disciplina, pois esta se assemelha, na percepção destes, com o autoritarismo.

Entretanto, cabe questionar se realmente a administração do comportamento dos filhos/estudantes representa algo desnecessário ou danoso ao desenvolvimento destes jovens. Comte-Sponville (1998), ao tratar sobre as virtudes humanas, desmistifica essa ideia, quando destaca que a polidez (educação no trato com outras pessoas) é resultante da educação para os limites, e que esta virtude é a base para o desenvolvimento da moral humana, essencial para o convívio em sociedade. Isto posto, pode-se considerar que a educação é a maneira pela qual a sociedade, por meio das gerações adultas, provoca o desenvolvimento de estados físicos, intelectuais e morais nos mais jovens (DURKHEIM, 1978).

No aspecto legislativo, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2012), no Capítulo II, esclarece que as crianças e os adolescentes têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade, expressos pelas garantias de ir e vir; a liberdade de opinião, de expressão, de crença e de culto religioso; a prática de atividades lúdicas e esportivas; participação na vida familiar e comunitária, na vida política e pela busca de proteção e orientação. Mas não somente compete ao Estado que estes direitos sejam garantidos, mas também à família. Então, como pode a instituição familiar cooperar para que essas garantias sejam efetivadas, senão pela educação para o convívio em sociedade?

Cabe, por conseguinte, à família, a educação para os limites, indispensável nas relações entre as pessoas. É fato que nem sempre essa educação para os limites, por mais bem intencionada, utilizou-se de ferramentas coerentes com as propostas pedagógicas atuais. Um pequeno exemplo da literatura expressa o modo de educação familiar em um passado recente. Extrai-se de uma crônica intitulada *Para Não Levar Cocorote*, a agressão física como uma ferramenta disciplinar utilizada pela mãe:

Eu não entendia, me maldizia e chorava, com os bolsos vazios do velho calção da farda, reclamando que esse dia não chegava nunca. Era comum naquele tempo, menino teimoso levar cocorote. E minha sina foi levar muito cocorote para entender o recado. (NICÁCIO, 2009, p. 23).

Voltando para o tempo presente, nesta conjuntura de responsabilidade formativa da família, Zagury (2004) defende que compete a família a formação ética dos filhos, desde que se aja dentro de princípios de respeito, justiça e equilíbrio, visando à socialização das novas gerações:

A ação disciplinadora, efetivada dentro de um contexto de diálogo, segurança e justiça, colabora enormemente para o estabelecimento de padrões éticos de conduta. É através de normas de disciplina que a criança aprende a ter tolerância à frustração, persistência e autocontrole, qualidades essenciais ao fortalecimento do equilíbrio emocional. (ZAGURY, 2004, p. 25).

É também possível, censurar essa forma de disciplinar por meio do diálogo e da justiça, tecendo contra ela uma crítica de que uma postura mais tradicional e firme, que envolva a agressão e intimidação como meios eficazes de por os filhos em bons comportamentos. Porém, o trabalho de Zottis (2012) revela que os adolescentes cujos pais utilizam métodos punitivos que envolvem agressões físicas e psicológicas, mesmo que sejam por meio de palmadas, estão associados à prática de *bullying* na escola, diferentemente daqueles jovens que recebem educação baseada no diálogo.

Logo, a literatura ressalta a função da família em estabelecer limites aos filhos, contudo um fato que deve ser investigado é se os próprios pais consideram significativas as influências que eles exercem, sobre os filhos, tendo em vista que Zagury (2004) denuncia a angústia destes familiares que se percebem como falhos por não cederem às pressões dos filhos por mais liberdade, quando estes comparam a educação que tem com a dos outros colegas cujos pais permitem **tudo** (ZAGURY, 2009, grifo nosso).

No entanto, numa pesquisa feita com 100 famílias a respeito de como pais avaliavam a participação do pai e da mãe no desempenho de tarefas relacionadas aos referidos papéis

sociais e as suas responsabilidades diárias junto aos filhos, identificou-se que a maioria dos participantes considerou que a qualidade da relação conjugal tem grande importância e influência no desempenho das tarefas educativas, além de se sentirem cúmplices no exercício das atribuições parentais (WAGNER et al, 2005). Deste modo é mister que a família esteja atenta à qualidade dos seus relacionamentos, pois esta impactará na vida dos filhos.

Ainda, a pesquisa de revisão de Newman et al (2008), sobre a relação entre os modelos comportamentais de pais e os reflexos destes sobre o desenvolvimento de comportamentos de risco à saúde em adolescentes, mostra que os filhos cujos pais que utilizavam disciplina com autoridade demonstraram de modo consistente mais comportamentos seguros e menos comportamentos de risco comparados a adolescentes provenientes de famílias que exerciam menos controle sobre os filhos. Os autores consideram que a prática disciplinar, aliada ao processo de comunicação com afetividade, funciona como mediadora na formação do adolescente, incluindo o desenvolvimento acadêmico e a adaptação psicossocial (NEWMAN et al., 2008).

A orientação da família sobre o uso de mídias também se revela como importante para a gestão do comportamento dos jovens. Em pesquisa realizada com 248 estudantes de escolas públicas do Ensino Médio do município de João Pessoa foi identificado que os adolescentes e jovens que têm o hábito de jogar vídeo games violentos estão mais propensos a serem agressivos. O professor Carlos Eduardo Pimentel, um dos responsáveis pela investigação, afirma que a permissão dos pais sobre esses tipos de jogos, muitas vezes para se verem sossegados de obrigações para com os filhos, pode provocar mudanças na personalidade destes, conduzindo-os a comportamentos agressivos (SINÉSIO, 2015) e, conseqüentemente, indisciplinados no contexto escolar.

Até mesmo as profissões dos pais influenciam o desempenho acadêmico dos filhos. A avaliação comparada feita pelo *Programme for International Student Assessment* nos 34 países participantes da OECD revela que os estudantes com idade média de 15 anos cujos pais têm ocupações mais qualificadas superam os demais estudantes em matemática (OECD, 2014b). Apesar de que esse resultado não infere que a profissão dos pais interfira no comportamento dos filhos, pode-se cogitar que uma dificuldade em determinada unidade curricular possivelmente levaria o discente a, por exemplo, não cumprir com as atividades escolares, ausentar-se da sala ou a conversar durante a ministração da aula deste conteúdo, caracterizando, assim, um comportamento indisciplinado. Assim sendo, como possíveis conseqüências resultantes das qualificações profissionais, pode-se supor, por exemplo, que

haja ausência de hábito familiar de estudar ou carência de acompanhamento dos pais sobre os filhos.

Pode-se, por outro lado, também indagar se os adolescentes de hoje consideram a família como fonte de suporte para a educação social. Desta forma, apresentam-se os resultados de dois trabalhos sobre juventude e família com o objetivo de investigar qual a relevância, na atualidade, da família para este público.

No primeiro, procurou-se investigar quais as estratégias utilizadas pelos jovens do Ensino Médio quando relacionados ao trabalho, educação e a família. Os resultados indicaram que a família é o que há de mais importante para eles, mesmo com a existência de conflitos com os pais, fato que se percebe nos seguintes comentários extraídos de grupos focais: “*A família é o incentivo. Se não tiver a mãe para incentivar, não tô nem aí! Tem que ter alguém para te mandar estudar, trabalhar.*”; “*Família não é só para dar ordem, acho que a gente nasce sem saber nada, e quem ajuda montar a sua personalidade é a família! A base da família é tua mãe e teu pai!*” e “*Se não tem uma base familiar... Então, família é a base de seu caráter!*” Outro ponto a se destacar é a valorização da instituição escolar observada nesta pesquisa, quando se depreende dos resultados que os pesquisados ressaltaram a importância da conclusão do Ensino Médio como meio de exercer atividade profissional com reconhecimento, mesmo não considerando que a escola os qualifique bem para o exercício de uma profissão. Esse resultado está associado à influência da família sobre a significação positiva do estudo formal/escola (RAITZ e PETTERS, 2008).

Em outra pesquisa com 568 adolescentes inseridos no Ensino Médio, sobre os pontos positivos e negativos no relacionamento familiar e os planos para o futuro, observou-se que o tema *dinâmica familiar* foi o mais citado, tanto no que se refere aos pontos positivos quanto em relação aos negativos do relacionamento dos adolescentes com os pais. Os jovens assinalaram a presença do diálogo como uma característica positiva no relacionamento familiar, não obstante, parece que essa ferramenta ainda não é explorada em toda a sua amplitude, já que eles apontam a **falta de diálogo** como aspecto negativo desse relacionamento (PRATTA e SANTOS, 2007, grifo do autor).

Percebe-se, então, que a família, na percepção dos próprios filhos, pode ser fonte significativa de apoio social e de formação ética e cidadã. Todavia é basal que esta formação esteja mediada pelo diálogo. Sendo assim, a educação formal adquire sentido, e o comportamento pode ser utilizado como uma ferramenta importante para o convívio em sociedade e o desempenho acadêmico assertivo e não como um mecanismo de controle e alienação.

Mesmo perante o reconhecimento que a formação escolar é importante, nem sempre esta compreensão permite que os discentes ajam de forma consoante com o que acreditam. Estudo de Dourado et al (2010) revela a contradição existente quando na compreensão de estudantes adolescentes sobre o sentido atribuído à educação formal, já que neste se identifica que os valores mais apreciados por estes jovens se referem às experiências do cotidiano e vivências passageiras. As apreensões da referida autora apontam, como elemento contraditório, o fato destes situarem como propósito de vida a realização profissional. Com base nesse estudo o que se verifica é que no presente momento, parece não haver por parte dos jovens, um elevado interesse na educação formal, o que se leva a indagar sobre qual a possível relação existente entre essa problemática e a disciplina no ambiente escolar. Desta feita, apresenta-se a necessidade de se promover espaços para ponderações sobre a educação e a escola e seus desafios, neste caso, no ambiente familiar.

Assim, a família, ao promover estes espaços de diálogo, estimularia o desenvolvimento crítico dos filhos, contribuindo para com não somente com liberdade intelectual, mas também para com a fé nas pessoas e a confiança no poder transformador do homem, essenciais para o convívio em sociedade, como sugere Freire (2011):

O homem dialógico, que é crítico, sabe que [...] podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. Está convencido de que este poder de fazer e transformar, mesmo que negado em situações concretas, tende a renascer. Pode renascer. Pode constituir-se. Não gratuitamente, mas na e pela luta por sua libertação. Com a instalação do trabalho não mais escravo, mas livre, que dá alegria de viver. (FREIRE, 2011, p. 112-113).

Para que haja este desenvolvimento crítico dos estudantes, o adolescente precisa ter sua maturidade desenvolvida, não somente a nível intelectual, mas também em outras dimensões. Pigozzi (2003) informa a existência de cinco categorias que indicam se o sujeito está suficientemente maduro para exercer as atividades exigidas pela vida adulta: desenvolvimento do raciocínio abstrato - expresso pela compreensão de código de valores; habilidade em substituir interesses individuais e imediatistas em prol dos interesses do grupo; capacidade de cortar os intensos laços de dependência que unem à família de origem - podendo assumir a responsabilidade pela própria vida; aptidão para construir um relacionamento com outra pessoa, estabelecendo um investimento afetivo e sexual; independência econômica e consequente exercício da autonomia.

Outro ponto a ser destacado é a necessidade de que a educação familiar seja corporificada pelo exemplo dos pais, como sugerem Freire (1996), na obra *Pedagogia da Autonomia*, quando fala sobre a inseparabilidade entre ensinar e ser exemplo; e Zagury (2004), no livro *Os Direitos dos Pais*, no qual a autora explica que o exemplo dos pais é um mecanismo de direcionar o comportamento dos filhos, quando trata sobre a arte de dizer **não** aos filhos.

Então, a família pode interferir/gerir o comportamento do filho adolescente de modo assertivo, sendo esta responsabilidade respaldada por lei, desde que se empregue a autoridade, sem agressividade, utilizando o diálogo, o respeito, a justiça e o exemplo como ferramentas para a educação cujo objetivo é facilitar o convívio social e o desempenho comportamental assertivo na escola, como consequência do desenvolvimento da maturidade. Os pais precisam ter ciência do poder que exercem sobre os filhos e que esta influência dependerá, de modo significativo, do exemplo que apresentam e das relações entre os cuidadores, pois os próprios jovens reconhecem essa influência e necessitam de direção e acompanhamento acadêmico para que os estudos propiciem um futuro profissional adequado, como, assim, almejam, mas não conseguem, sozinhos, direcionar as ações para tal objetivo.

4 Considerações Finais

Este trabalho revela que a família interfere no comportamento dos discentes e, apesar de que a configuração da gestão da (in)disciplina ter mudado em seu processo histórico, o uso da autoridade ainda é indispensável como atributo educativo familiar e para a promoção de comportamentos assertivos que se propagarão no ambiente escolar. Ressalta-se também, dos resultados dessa pesquisa que a indisciplina pode ser prevenida quando, por intermédio da família, o jovem estudante atribui sentido ao estudo.

Ainda, esta pesquisa aponta para outros caminhos de investigação. Como exemplo, extrai-se dos resultados desse trabalho a inquietação de se estudar sobre como as instituições escolares de Ensino Médio têm envolvido a família como corresponsável pelo comportamento dos filhos no ambiente escolar. Mais especificamente, poderiam ser investigados os Institutos Federais de Educação que são responsáveis pelo Ensino Técnico Integrado ao Nível Médio.

Além do mais, faz-se necessária a partilha desses resultados com os familiares de discentes jovens, de modo a torná-los conscientes sobre o poder e responsabilidade que detém sobre o processo educativo da prole e estimulá-los a exercerem influência significativa para um desempenho favorável dos filhos/estudantes, não somente em relação ao conteúdo, mas

também sobre o convívio social assertivo, que, conseqüentemente, facilita o processo ensino-aprendizagem.

Referências

BARCELÓ, Miguel; GUILLOT, Sergi. **Gestión de proyectos complejos** – una guía para la innovación y el emprendimiento. Madrid: Ediciones Pirámide (Grupo Anaya, S. A.), 2013.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** (7ª edição). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2012. Disponível em: <<http://9cndca.sdh.gov.br/legislacao/Lei8069.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. 1. ed. 7 tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DOURADO, Érica Tailane Silva et. al. Educar para o sentido: uma intervenção prática. In: DAMÁSIO, Bruno F.; SILVA, Joilson P. da.; AQUINO, Thiago A. Avellar de. (Orgs.) **Logoterapia e Educação**. São Paulo: Paulus, 2010.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 11 ed. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

NEWMAN, Kathy et al. Relações entre modelos de pais e comportamentos de risco na saúde do adolescente: uma revisão integrativa da literatura. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 1, p. 142-150, Fev. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692008000100022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 Set. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692008000100022>.

NICÁCIO, Cícero. **Argueiros**. Campina Grande: Bagagem, 2009.

OECD. **New Insights from TALIS 2013**: Teaching and Learning in Primary and Upper Secondary Education. OECD Publishing, 2014a. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/9789264226319-en>>. Acesso em 10 fev. 2015.

_____. As Profissões dos pais têm um impacto no desempenho dos alunos? **Pisa em foco**. n. 36. Fev. 2014b. Disponível em: <http://googleweblight.com/?lite_url=http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/pisa_em_foco/2014/pisa_em_foco_n36.pdf&Ic=pt-

[BR&geid=7&s=1&m=334ts=1443802007&sig=APONPFn4BS7yr2S3wLTFxLQL87_BnL5EHA](http://portal.inep.gov.br/pisa-em-foco)>. Acesso em 28 set. 2015.

_____. A disciplina na escola está deteriorada? **Pisa em foco**. n. 4. Mai. 2011. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/pisa-em-foco>>. Acesso em 02 out. 2015.

PARRAT-DAYAN, Silva. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2009.

PIGOZZI, V. De que é feita a adolescência. **Revista Viver Psicologia**, fev. 2003.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antônio dos. Opiniões dos adolescentes do ensino médio sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro. **Paidéia**, 2007, v. 16 n. 36, pp. 103-114. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a10.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

RAITZ, Tânia Regina; PETTERS, Luciane Carmem Figueiredo. Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 408-416, Dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 mai. 2015.

RODRIGUES, Icaro Arcênio de Alencar; MARQUES, Larissa Carvalho; GOMES, Márcia Maria Costa. Como a Indisciplina em Sala de Aula Interfere no Trabalho Docente. **Revista Principia: divulgação científica e tecnológica do IFPB**. Ano 14, nº 20, dez. 2012. João Pessoa: IFPB, 2012. ISSN: 1517-0306.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SINÉSIO, Valéria. Jogos violentos levam jovens à agressividade. **Jornal da Paraíba**, João Pessoa, 20 dez. 2015, Cidades, p.1.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Série Ideias. n. 28. São Paulo: FDE, 1997. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf>. Acesso em 22 mai. 2009.

WAGNER, Adriana et al. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, mai-ago 2005, vol. 21 n. 2, pp. 181-186.

ZAGURY, Tânia. **O Professor Refém** – Para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____, Tânia. **Os direitos dos pais: construindo cidadãos em tempos de crise**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ZOTTIS, Graziela Aline Hartmann. **Bullying na adolescência: associação entre práticas parentais de disciplina e comportamento agressivo na escola**. 2012. 71 f. Dissertação

(Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas: Psiquiatria, Porto Alegre, BR-RS, 2012.